

“A ÁFRICA ESTÁ NAS CRIANÇAS E O MUNDO ESTÁ POR FORA”: jogos e brincadeiras no cotidiano da educação infantil no programa de residência pedagógica¹

SILVA, Vitória Caroline Carvalho da²
OLIVEIRA, Samara Aires³
SOUSA, Vicelma Maria de Paula Barbosa⁴

RESUMO: Este relato de experiência pretende expor a vivência de duas residentes sobre uma manhã brincante desenvolvida em uma escola municipal de Floriano-Piauí, enquanto participantes do Programa de Residência Pedagógica. Por entendermos a escola como um espaço sócio-cultural, diverso e complexo, onde em seu ambiente abriga uma diversidade de culturas que terminam se sobrepondo umas às outras, fazendo assim com que as culturas colonizadas sejam invisibilizadas, com isso a ação desenvolvida teve como objetivo apresentar brincadeiras e jogos de matriz africana, com o intuito de proporcionar além de um momento brincante, o conhecimento desta cultura, assim como criar com as crianças uma vivência lúdica descolonizadora. Para a realização desta atividade nos norteamos pelos princípios da pesquisa qualitativa e da observação. A ideia principal deste trabalho foi apresentar e executar as brincadeiras Terra-mar, Da Ga (jibóia), Acompanhe meus pés, e o jogo de tabuleiro Shisima. Com a execução desta manhã brincante, observamos que a utilização de jogos e brincadeiras de matriz africana no contexto escolar pode trazer inúmeros benefícios, dentre elas a valorização da cultura africana, desenvolvimento motor, cognitivo e social das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidiano; Matriz africana; Programa de Residência Pedagógica (PRP); Experiências; Vivências.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto visa relatar a experiência de duas residentes, do Programa de Residência Pedagógica (PRP), vinculadas ao Curso de Licenciatura em Pedagogia,

¹ A escolha deste título faz jus ao que descrevemos durante nosso relato de experiência, uma vez que compreendemos como uma alusão expressa na canção Mufete do rapper Emicida, que versa na última estrofe da canção a seguinte frase: “A África está nas crianças e o mundo está por fora”, neste trecho, Emicida expõe sua fúria apontando as permanências deixadas por séculos de escravização, cujas mazelas se estendem até os dias atuais. Com isso, em suas rimas, o poeta-cantor denuncia as marcas deixadas pela colonização sobre os povos afrodescendentes, indo de encontro com nossos sentimentos quando optamos por trabalhar brincadeiras e jogos africanos.

² Graduanda em Licenciatura plena em pedagogia, Bolsista-CAPES/Programa Residência Pedagógica, UFPI Campus Amílcar Ferreira Sobral, vitoriawerneck02@gmail.com

³ Graduanda em Licenciatura plena em pedagogia, Bolsista-CAPES/Programa Residência Pedagógica, UFPI, Campus Amílcar Ferreira Sobral, samaraaires@ufpi.edu.br

⁴ Doutora pelo Curso de Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia – UFPI - Campus Amílcar Ferreira Sobral, Bolsista PRP/CAPES (Docente-orientadora). vicelma@ufpi.edu.br

da Universidade Federal do Piauí - *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), sobre uma ação desenvolvida na Educação Infantil, a saber: brincadeiras e jogos de matriz africana com o intuito de proporcionar um momento brincante, onde criamos com as crianças uma vivência lúdica, a qual introduzisse elementos da Cultura Africana no cotidiano escolar.

A ideia desta atividade surgiu a partir da participação das autoras no evento: “Quais histórias conhecemos da África?”, que aconteceu no mês de novembro/2023, no *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), a qual estudamos, quando tivemos a oportunidade de desenvolvermos o minicurso intitulado: “Explorando a cultura africana através de jogos e brincadeiras”. Posteriormente, tornou-se um projeto de intervenção a ser apresentado no componente curricular Metodologia da Educação Física, no entanto, devido aos desencontros do calendário acadêmico da universidade com o das escolas da rede municipal não conseguimos desenvolver o projeto de intervenção, contribuindo para que o executássemos na forma de uma manhã brincante em uma das escolas, as quais atuamos enquanto residentes do Programa Residência Pedagógica (PRP).

Primeiramente compreendemos a escola como um espaço sócio-cultural, portanto, diverso e complexo, onde em seu ambiente abriga uma diversidade de culturas que terminam se sobrepondo umas às outras, fazendo assim com que as culturas colonizadas sejam invisibilizadas, prevalecendo apenas a cultura do colonizador. Sendo conhecedora de como a hegemonia da cultura eurocêntrica atua no cotidiano social e escolar, torna-se visível no ambiente escolar a necessidade de intervenções pedagógicas, as quais promovam o diálogo com outras culturas insurgentes, nesse sentido como modo de reparação histórica, dever ético de, enquanto escola pública, desempenharmos nosso papel social, de promoção e equalização das injustiças sociais, educacionais, raciais, de gênero, por exemplo, superando as discriminações, exclusões. Assim, fazendo enredar outras histórias e realidades possíveis para todas/os que habitam o chão da escola.

Para alcançar esse feito nascem as leis que direcionam para esse embate entre culturas dominantes e dominadas, aqui enfatizamos a lei 10.639/03 que obriga o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos educacionais, mas que ainda não possui uma efetivação real no espaço escolar, sendo um desafio para lidarmos, por mais que haja outras diretrizes como os PCN's que apontam para a necessidade de “(...) valorizar a pluralidade do patrimônio

sociocultural brasileiro, bem como de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (Brasil, 1997)".

Destarte, tendo em vista a necessidade de criar possibilidades que contribuam com a emergência de se discutir os conhecimentos presentes no ensino da cultura africana e afro-brasileira, faz-se necessário a utilização de táticas interdisciplinares como prática intencional pedagógica que proporcione outras discussões possíveis. Sendo aqui a importância de se discutir o previsto na lei 10.639/03 para romper com as violências raciais existentes na sociedade e reproduzidas na escola.

Assim, trabalhar com atividades que proporcionem às crianças entrarem em contato com outras culturas é um caminho para a visibilidade e valorização de pessoas, saberes e culturas que nos constitui, enquanto sociedade diversa, assim fazendo valer a efetivação da legislação e para romper com o ensino colonizador e engessado. Assegura Kishimoto (2011) que quando o/a docente organizar qualquer tipo de atividade lúdica ele/a deve levar em consideração a diversidade cultural, pois o brincar desenvolve o senso estético da criança e a sua apreciação sobre o mundo.

Diante disso, precisamos entender que as brincadeiras e os jogos são carregados de significados e histórias, e durante muito tempo, não se sabia ou até nos dias atuais não se sabe da origem de muitas delas, principalmente quando se tratam das brincadeiras e jogos de Matriz africana. Conforme Trog, Brasileiro e Emiliano (2022) apontam que muitas dessas brincadeiras e jogos não podiam ser expressos ou transmitidos por conta do terror, do preconceito e do contexto de escravização, assim, eram transmitidos de forma mascarada com outros nomes para que os/as escravos/os pudessem repassar às suas crianças como forma de manter viva sua cultura.

Com isso, é possível perceber que até os dias atuais muitas dessas brincadeiras que compõem a cultura brasileira são de origem africana, mas o conhecimento sobre sua cultura, mesmo que nas entrelinhas, a maioria não conhece como sendo de origem africana, o que contribui para a falta de reconhecimento, respeito e valorização.

Diante disso, esta experiência teve como propósito proporcionar às crianças da Educação Infantil (EI), da Escola Municipal Marcos Santos Parente, em Floriano-PI, uma vivência lúdica e envolvente do ambiente escolar por meio dos jogos e brincadeiras de origem africana. Com o objetivo de permitir que as crianças da turma

de PRÉ-II conhecessem e apreciassem a diversidade dos jogos e brincadeiras presentes na cultura africana, promovendo assim a valorização e o entendimento desta rica herança cultural.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado com base nos princípios da pesquisa qualitativa, que, de acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.70), é uma pesquisa que não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. "O ambiente natural é a fonte direta de dados, sendo o pesquisador o instrumento-chave". Em outras palavras, executamos as brincadeiras previamente selecionadas com as crianças da rede municipal de Floriano-PI, com o objetivo de apresentar os aspectos da cultura africana através do brincar, para o reconhecimento e o cotidiano das crianças envolvidas.

Para compor as conclusões deste trabalho utilizamos da observação, já que "não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar" Marconi e Lakatos (2018, p. 83). Dessa forma, pudemos ver, ouvir e observar as crianças enquanto explicavam cada brincadeira e as executavam, além de observarmos as falas das crianças durante o processo de explicação sobre a origem das brincadeiras.

Neste trabalho, nosso público alvo foram as crianças do Ensino Infantil, da Escola Marcos Santos Parente, em Floriano-PI, localizada na BR 343, bairro Meladão, em uma turma do PRÉ-II. Durante o projeto, desenvolvemos três brincadeiras e um jogo africano para engajar as crianças e promover a diversão enquanto aprendem sobre a cultura africana. As atividades foram cuidadosamente planejadas para estimular a criatividade, a socialização e o desenvolvimento motor das crianças, proporcionando uma experiência educativa e lúdica. A seguir apresentaremos as brincadeiras e o jogo escolhido:

1- Terra- mar, de origem Moçambique que consiste com um giz, as crianças riscam uma longa reta no chão, definindo que um lado é a terra e o outro lado é o mar. Inicia com todas as crianças do lado terra. Ao falar "mar", todas saltam ao mesmo tempo, para o lado mar. Ao falar terra, voltam para o lado terra. E assim sucessivamente. Quem pular para o lado errado, sai da brincadeira. Quem ficar por último, vence.

2- Da Ga (jibóia): com origem na Gana e Nigéria, consistem em formar um desenho retangular no chão, que será a "casa da cobra". Uma criança é escolhida para ser a cobra e deve ficar dentro do retângulo. As outras crianças devem todas ficar próximas ao desenho e a cobra deve tentar encostar nos jogadores. Quando uma criança é encostada, ela passa para o lado de dentro do retângulo, onde todos devem ficar de mãos dadas, usando uma mão livre para pegar os outros jogadores. O último a não ser pego pela cobra, vence.

3- Acompanhe meus pés: com origem na República Democrática do Congo, as crianças escolhem um líder para começar e formam uma roda ao redor dele. Esse líder deve cantar uma música e bater palmas no centro da roda. Ao parar na frente de uma das crianças, ela deve refazer os movimentos da dança e se tornar o líder. Caso não consiga, o líder segue e tenta de novo com outra criança da roda. Esta brincadeira não tem limites de participantes.

4- Shisima - O jogo Shisima é um jogo de tabuleiro de alinhamento de peças e tem origem do continente africano, mais precisamente no Quênia. Assim, por conter vários conceitos matemáticos, este jogo pode ser utilizado como ferramenta de ensino desta área de conhecimento. O jogo consiste em um tabuleiro com a forma geométrica de um hexágono, onde cada vértice é uma casinha e tem por objetivo de colocar as suas três pecinhas em linha reta, utilizando a casinha central. Cada jogador mexe uma das suas peças por vez até a casinha vazia mais próxima, não podendo saltar nenhuma peça ou casinha.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao introduzir algo novo, sempre desperta muitas curiosidades para quem o receber, sobretudo quando se trata de crianças. Dessa forma, ao verem a preparação das brincadeiras e jogos na frente da escola, as crianças ficaram surpresas, questionando o que estávamos fazendo e especulando sobre o que seriam os traços/linhas, desenhados com giz branco à mão no chão da escola.

Diante disso, ao despertamos a curiosidade das crianças vamos de encontro com Gonzalez (2019) quando aponta que Independentemente de quais sejam os processos cognitivos envolvidos na aprendizagem, a curiosidade é a base do conhecimento, pois ela busca estímulos que a surpreendam e estimula o desejo de

conhecer mais. Portanto, é crucial criar ambientes que promovam a descoberta do novo e a exploração da liberdade.

Diante disso, após a preparação do ambiente, com a criação de uma linha reta em um espaço e em outro espaço o desenho de um retângulo, feito de giz no chão, nós direcionamos à sala de aula para iniciarmos as atividades. Primeiramente, levamos as crianças para onde aconteceria a atividade, em frente a escola, e formamos um círculo, para iniciarmos a roda de conversa. No momento de iniciarmos os comandos, a primeira pergunta foi “quem gosta de brincar?” e todas/os muito eufóricas/os gritaram: “eu, eu”, encadeando a seguinte pergunta “quais as brincadeiras que mais gostam de brincar?” e as respostas foram:

Tabela 1: Brincadeiras preferidas das crianças

BRINCADEIRAS DOS MENINOS	BRINCADEIRAS DAS MENINAS
Pega-pega	Brincar de boneca
Polícia e ladrão	Comidinha
Esconde-esconde	Esconde-esconde
Futebol	Batata quente

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

Diante dessa lista de brincadeiras, é possível notar um padrão que revela os estereótipos, uma vez que algumas das brincadeiras mencionadas pelas crianças são uma junção do brincar de menina e de menino. Conforme a pesquisa de Fabes, Martin e Hanish (2003), as crianças nas classes pré-escolares apresentam uma concepção de brincadeira mais estereotipada do que as meninas. Essa evidência demonstra o modelo de formação-educação que o modelo sistêmico de sociedade patriarcal impõe e naturaliza nossas práticas discursivas, moldando o nosso imaginário desde a infância.

Em seguida, perquirimos se as crianças tinham conhecimento da origem das brincadeiras. Algumas responderam, com cautela, "não sei tia". Já outra criança levantou a mão e disse "Eu sei tia, você vem de fora, lá do pátio". Dessa forma, é perceptível o desconhecimento das crianças em relação às brincadeiras e ao seu

surgimento, tendo em vista que é algo vivenciado diariamente no cotidiano das escolas. Dessa forma, as brincadeiras devem ser mais exploradas, desenvolvidas e, sobretudo, contextualizadas, especialmente para o público da escola de educação infantil (EI).

Logo após, perguntamos “se já tinham ouvido falar na África?” e as respostas deram-se por meio de balançadas de cabeça acenando que não, até que uma criança perguntou: “Tia a África é no céu? A África voa?”, diante disso, explicamos que se tratava de um continente com 54 países e contextualizamos um pouco da história da escravidão e que através dela os africanos contribuíram para a formação linguística, artística, matemática, por exemplo, da cultura brasileira, inclusive nas brincadeiras. No entanto, a perversa colonização geográfica e das nossas mentalidades culminou no apagamento das outras histórias que nos constituem.

Iniciamos as explicações, conversamos e apresentamos um pouco de cada brincadeira em um momento de conversa informal com as crianças. Em seguida, executamos as brincadeiras e o jogo de origem africana. As brincadeiras foram previamente explicadas de suas origens e como se brincavam, todas as crianças e mostraram interessadas e participaram do momento com entusiasmo.

Sob esse ponto de vista, de todas as brincadeiras apresentadas, Terra-mar foi a que mais chamou a atenção das crianças, causando euforia e empolgação, sendo até comparada pelas próprias crianças com a brincadeira morto-vivo, que é uma brincadeira bem popular no cotidiano escolar. Após esse momento divertido, uma das crianças assumiu o papel de líder na mesma brincadeira Terra-mar, assumindo a liderança das outras crianças, que logo formaram uma fila e começaram a brincar sozinhas. Com essas ações, percebemos que as crianças estavam realmente engajadas e animadas com as atividades.

A segunda brincadeira apresentada foi Da Ga (jibóia), quando perguntamos às crianças se elas conheciam todas afirmaram que não, então explicamos como se brincava e uma disse que parecia com a brincadeira da cobra-cega, o que nos remete aos conhecimentos prévios já pertencentes as crianças, que Castorina, Lenzi e Aisenberg (1997) definem como modificações que podem consistir em reconstruções sucessivas que evocam reorganizações, construções de novos significados, com diferenças e integrações sobre o novo saber a aprender.

A terceira brincadeira apresentada e que menos chamou a atenção das crianças foi acompanhe meus pés, que se dá por meio da formação de uma roda,

onde a criança que fica ao meio dá os comandos e as outras têm que repetir, até a próxima ser escolhida. No início as mesmas até se mostraram interessadas pela brincadeira, mas isso não durou por muito tempo, se mostraram entediadas e dispersas ao ficarem repetindo os comandos.

E o quarto e último foi um jogo chamado Shisima, organizamos os tabuleiros sobre uma mesa, após explicarmos como funcionava o jogo e suas regras as crianças foram divididas em duplas e começaram a jogar, o jogo Shisima depois da brincadeira Terra-mar, foi a atividade executada pela qual as crianças mais se interessaram, no sentido de compreensão das regras, e de como movimentar as peças no tabuleiro.

Nesta perspectiva, diante das reações e falas podemos ir de encontro com Souza e Pereira (2013), quando apontam que o conhecimento das crianças quanto às relações étnico-raciais é limitado, pois habitualmente apresentam uma visão superficial e, por vezes, distorcida a respeito da África, desconhecendo sua dimensão continental e étnica, além de uma percepção estereotipada e reducionista da temática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, compreendemos que a utilização de jogos e brincadeiras de matriz africana na educação pode trazer benefícios significativos, uma vez que promovem a valorização da cultura africana e contribuem significativamente para o desenvolvimento motor, cognitivo e social das crianças. Além disso, o trabalho com jogos e brincadeiras africanos estimula a cooperação, a criatividade, o raciocínio lógico e a socialização (interação) entre as/os alunos/as.

Além disso, ao utilizarmos esses jogos e brincadeiras, alcançamos os objetivos propostos no projeto de intervenção. Dessa forma, na nossa manhã brincante, descrita no início deste trabalho, podemos proporcionar um ambiente escolar mais dinâmico e engajado, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativo para as crianças. Dessa forma, acreditamos que, ao adotar essas práticas, a escola está valorizando a diversidade cultural, étnica e étnica desde a infância, o que contribui de forma positiva para a formação de cidadãos mais conscientes e, conseqüentemente, respeitosos.

Acreditamos que através desta manhã brincante conseguimos levar os conhecimentos de outra cultura que faz parte da nossa ancestralidade, onde podemos

debater sobre a valorização, e o respeito de forma lúdica e prazerosa. Que nos proporcionaram também perceber muitos impactos positivos, pois as/os alunas/os demonstraram maior interesse sobre a temática, e sobre as atividades propostas, além de desconstruir estereótipos e preconceitos já estigmatizados na nossa sociedade.

É importante salientar que, através desta manhã interativa, as/os alunas/os ampliaram o seu repertório cultural, compreenderam a riqueza da diversidade e das tradições da diáspora africana e afro-brasileira, proporcionando um ambiente mais inclusivo, equitativo e acolhedor. Ainda sob este prisma, compreendemos a trajetória formativa de residentes como multifacetada, sobretudo quando mediadoras de um público infantil. Todas as contribuições são pedagógicas e qualificam a formação das crianças para lidar com as discriminações cotidianas que envolvem a educação antirracista.

Por fim, apresentamos propostas de que o desenvolvimento de atividades como essas, desenvolvidas durante uma manhã brincante, podem proporcionar às outras/os profissionais da educação uma nova perspectiva, novas experiências, novas vivências, orientadas e fundamentadas por uma cultura resistente e relevante para o ensino-aprendizagem das crianças no cotidiano escolar e nas escolas públicas.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - e por isso agradecemos pela oportunidade de participação integração no Programa Residência Pedagógica (PRP), que é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. A Residência Pedagógica, articulada aos demais programas da Capes compõe a Política Nacional tendo como premissas básicas o entendimento de que a formação de professoras/es nos cursos de licenciatura deve assegurar às/aos suas/suas egressas/os, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica, o que acaba por nos aproximar da realidade das escolas públicas e

municipais, vivenciando e experimentando atividades como essa que tivemos a oportunidade de desenvolver.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.

CASTORINA, A.; LENZI, A.; AISENBERG, B. Análise do conhecimento prévio em uma investigação sobre mudança conceitual de noções políticas. **Revista do Instituto de Investigações em Ciências da Educação**, v. 6, 1997.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, 2010.

SOUZA, F. da S.; PEREIRA, L. M. da S. Implementação da Lei 10.639/2003: mapeando embates e percalços. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 51-65, jan./mar. 2013.

FABES, Ra, MARTIN, CI e HANISH, Ld. Qualidades lúdicas de crianças pequenas em grupos de pares do mesmo sexo, de outros sexos e de sexos mistos. **Desenvolvimento Infantil**, v. 74, p. 921–938, 2003.

GONZALEZ, N. W. L'Ecuyer, Catherine. Educar na curiosidade: a criança como protagonista da sua educação. **Conjectura filosofia e educação**, v. 24, n. 0, p. 1–5, 2019

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TROG, Scheila Daniele. BRASILEIRO, Laise Roseira Biscaia. EMILIANO, Célia Lima. **Jogos e brincadeiras africanas: possibilidades para trabalhar a africanidade e interdisciplinaridade na escola**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 07, Ed. 09, Vol. 06, pp. 32-42. Setembro de 2022. ISSN: 2448-0959, Link de acesso:
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/brincadeiras-africanas>